

Capítulo I

Em 24 de Fevereiro de 1815, o vigia de Nossa Senhora da Guarda assinalou o três mastros Pharaon, vindo de Esmirna, Trieste e Nápoles.

Como de costume, um piloto costeiro largou imediatamente do porto, passou rente ao Castelo de If e abordou o navio entre o cabo de Morgion e a ilha de Rion.

Também como de costume, a plataforma do Forte de S. João encheu-se imediatamente de curiosos. Porque em Marselha a chegada de um navio era sempre um grande acontecimento, sobretudo quando esse navio, como no caso do Pharaon, fora construído, aparelhado e estivado nos estaleiros da velha Phocée e pertencia a um armador da cidade.

Entretanto, o navio aproximava-se. Transpusera sem dificuldade o estreito que alguma erupção vulcânica abria entre a ilha de Calasareigne e a ilha de Jaros, deixara para trás Pomêgue e avançava com os seus três mastros, a sua bojarrona e a sua bergantina, mas tão devagar e com um ar tão triste que os curiosos, com esse instinto que pressente a desgraça, perguntavam a si mesmos que acidente teria acontecido a bordo. No entanto, os entendidos em navegação reconheciam que, se houvera algum acidente, não se dera com o próprio navio, pois este aproximava-se com todas as condições de um navio perfeitamente governado, a âncora prestes a ser largada e os cabos gurupés soltos; e junto do piloto, que se preparava para dirigir o Pharaon através da entrada estreita do porto de Marselha, encontrava-se um jovem desembaraçado e de olhar atento, que vigiava cada movimento do navio e repetia cada ordem do piloto.

A vaga inquietação que pairava sobre a multidão atingira especialmente um dos espectadores da esplanada de S. João, e de tal modo que não lhe permitiu esperar a entrada do navio no porto. Saltou para um barquinho e mandou remar ao encontro do Pharaon, que alcançou defronte da enseada da Reserve.

Ao ver aproximar-se aquele homem, o jovem marinheiro deixou o seu lugar ao pé do piloto e, de chapéu na mão, encostou-se à amurada do navio.

Era um rapaz de dezoito a vinte anos, alto, esbelto, de belos olhos negros e cabelo cor de ébano. Havia em toda a sua pessoa esse ar calmo e resolutivo característico dos homens habituados desde a infância a enfrentar o perigo.

- Ah, é você, Dantés! - gritou o homem do barco. - Que aconteceu, a que se deve esse ar de tristeza que paira a bordo?

- Uma grande desgraça, Sr. Morrel! - respondeu o jovem. - Uma grande desgraça, sobretudo para mim. Por alturas de Civita-Vecchia perdemos o nosso querido comandante Leclére.

- E a carga? - perguntou vivamente o armador?

- Chegou a bom porto, Sr. Morrel, e creio que a esse respeito ficará contente; mas o pobre comandante Leclére...

- Que lhe aconteceu? - perguntou o armador com ar visivelmente aliviado. - Que aconteceu a esse digno comandante?

- Morreu.

- Caiu ao mar? - Não, senhor. Morreu de febre cerebral, no meio de horríveis sofrimentos. Depois, virando-se para os seus homens: -

Olá, eh! - gritou. - Todos a postos para a ancoragem!

Capítulo XXI

A pretexto de estar cansado, Dantés pediu que o deixassem sentar-se ao leme. O timoneiro, encantado por ser substituído nas suas funções, consultou o patrão com a vista, o qual lhe acenou com a cabeça que podia entregar o leme ao novo companheiro.

Assim colocado, Dantés pode ficar de olhos fixos para o lado de Marselha.

- A quantos do mês estamos hoje? - perguntou Dantés a Jacopo, que viera sentar-se junto dele, perdendo de vista o Castelo de If.

- A 28 de Fevereiro - respondeu o interrogado.

- De que ano? - perguntou ainda Dantés.

- Como, de que ano?! Pergunta de que ano?

- Pergunto - insistiu o rapaz. - Pergunto de que ano.

- Esqueceu-se do ano em que estamos?

- Que quer, apanhei tamanho susto esta noite que quase perdi a cabeça e fiquei com a memória toda embaralhada! Por isso lhe pergunto em 28 de Fevereiro de que ano estamos.

- Do ano de 1829 - respondeu Jacopo.

Havia catorze anos dia a dia, que Dantés fora preso. Entrara com dezanove anos no Castelo de If e saíra com trinta e três.

Capítulo XXXI

Em princípios do ano de 1838 encontravam-se em Florença dois jovens pertencentes à mais elegante sociedade de Paris. Um deles era o visconde Albert de Morcerf e o outro o barão Franz de Epinay. Tinham combinado ir passar o Carnaval do mesmo ano em Roma, onde Franz, que residia em Itália havia perto de quatro anos, serviria de cicerone a Albert.

Capítulo XXXVIII

(Diálogo entre o Conde de Monte Cristo e Albert de Morcef)

- Palavra de honra que não - respondeu o conde. - Quero ir a Paris e tenho de ir.

- Quando? -

Quando o senhor estiver lá.

- Eu? - disse Albert. - Oh, meu Deus, dentro de quinze dias ou três semanas, o mais tardar o tempo de voltar.

- Pois bem, concedo-lhe três meses - declarou o conde. - Como vê, não sou mesquinho.

- E dentro de três meses irá bater-me à porta? - perguntou Albert

- Quer que marquemos encontro com dia e hora? - inquiriu o conde. - Previno-o de que sou de uma pontualidade exasperante.

Com dia e hora... - repetiu Albert - Agrada-me!

- Então seja - disse o conde, estendendo a mão para um calendário pendurado ao pé do espelho. - Estamos hoje a 21 de Fevereiro e são... - puxou o relógio - dez e meia da manhã. Quer esperar-me no dia 21 de Maio próximo às dez e meia da manhã?

- Excelente! - exclamou Albert. - O café da manhã estará pronto

